

Introdução: Além da paisagem

Fernando Pessoa defendeu, num esboço de crítica escrito em inglês que deixou por publicar, que haveria em Portugal apenas duas coisas interessantes, a paisagem e *Orpheu*. Escrevendo sobre a primeira só poderíamos falar de um lugar, e não das pessoas que nele vivem. Publicados dois números desta revista, em março e junho de 1915, ficou a marca de uma nova geração de poetas e artistas e de uma rutura com ideais estéticos vigentes. Esta ideia de geração é, contudo, altamente questionável no que diz respeito aos poetas e artistas de *Orpheu*, que se distinguiram certamente mais do que se aproximaram. Pessoa nunca deixou de tematizar este problema, ora sublinhando a singularidade de cada obra ora procurando elos de ligação entre elas, que o próprio estabelecia com base nos seus propósitos literários. Pensando em *Orpheu* como órgão de divulgação de uma nova corrente literária, Pessoa atribuiu-lhe vários nomes, os famosos *ismos*, vendo nos textos aí publicados manifestações do Interseccionismo, num primeiro momento, e finalmente do Sensacionismo, nome que confere a uma nova corrente agregadora de diversos movimentos literários e artísticos.

Contrariamente ao que projetara em ideias de publicação de revistas literárias que partilha na correspondência com Mário de Sá-Carneiro a partir de 1913, os números publicados de *Orpheu* não se apresentam, no entanto, como órgãos de um determinado *ismo*. Ao conceber, um ano antes da publicação do primeiro número, a edição de obras do seu *mestre* Alberto Caeiro, Pessoa pensou atribuir-lhe a autoria de “Odes Futuristas”, mas o termo “futurista” caiu enquanto classificação das Odes de Álvaro de Campos na revista. Notando a crítica de então uma proximidade destas Odes com o que era conhecido sobre o Futurismo, o poeta vê-se na necessidade de corrigir publicamente esta designação, procurando evitar que Campos se veja amordaçado ao rótulo de um movimento da vanguarda europeia. “Chuva Oblíqua”, conjunto de seis poemas atribuídos também anteriormente a Caeiro, é publicado em *Orpheu* sob o nome próprio, possuindo o subtítulo “poemas interseccionistas”. Um projetado “Manifesto Interseccionista” é, contudo, deixado de parte, ao ser considerado, em carta de Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues, mera *blague*. Apenas mais tarde, num artigo de crítica publicado em 1916, o poeta irá associar *Orpheu* ao nome então já encontrado para uma nova corrente literária, o Sensacionismo, capaz de integrar, a par da sua, obras tão diversas como as de Mário de Sá-Carneiro, José de Almada-Negreiros, Alfredo Guisado, Armando Côrtes-Rodrigues ou Raul Leal,

entre outros. O terceiro número de *Orpheu*, nunca publicado, chegou a ser concebido, numa das inúmeras listas de projetos de Pessoa, como órgão desta nova corrente.

Pessoa oscila entre ver em *Orpheu* o interesse do estabelecimento de uma nova corrente literária e a marca da singularidade absoluta dos seus intervenientes. Apesar de, em seu entender, ter tido o mérito de ser recebida à gargalhada, tornando-se um êxito pelo escândalo que causou, o poeta pouco se envolveu na discussão pública em torno da revista. Em inícios de 1915, imediatamente antes da sua publicação, já revelara em carta a Côrtes-Rodrigues a intenção de abandonar a ambição grosseira de brilhar por brilhar, da *blague* e do propósito de *épater*. Apesar disso, é pouco tempo depois da carta enviada a Côrtes-Rodrigues que terá surgido, em conversa com Luís de Montalvor e Mário de Sá-Carneiro, o projeto da revista, rapidamente concretizado. Este projeto vem dar expressão a um propósito comum de manifestação pública, há muito discutido entre Pessoa e Sá-Carneiro, dando visibilidade não só a cada obra como a um sentido de conjunto, ainda que em moldes que não podem deixar de transparecer artificialidade.

Orpheu não seria então uma mera *blague*, mas a publicação do que sem modéstia se propõe ser o que de interessante há em Portugal para além da paisagem. Pessoa publica em nome próprio “O Marinheiro” e “Chuva Oblíqua”, revelando a figura de Álvaro de Campos, que assume em lugar de Caeiro a autoria das famosas Odes, “Triunfal” e “Marítima”, assim como de “Opiário”. Sá-Carneiro publica os poemas de índole simbolista destinados ao volume *Indícios de Oiro*, editado postumamente pelos críticos da *Presença*, e “Poemas sem Suporte”, entre eles o longo poema “Manucure”, a sua resposta ao Futurismo e à experimentação gráfica das vanguardas. A participação de Almada Negreiros limita-se ao primeiro número e a um conjunto de trechos em prosa intitulado “Frizos”, evidenciando desde logo a partir do título a proximidade com as artes visuais e aliando o artifício de uma simplicidade ingénua à crueza das imagens. *Orpheu* coloca lado a lado figuras reais e inexistentes, estando previsto para o terceiro número o surgimento de Ricardo Reis. Da anunciada revista trimestral resultaram afinal apenas dois números, mas tal bastou para definir uma geração de poetas em torno de alguns nomes maiores, nomeadamente Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, José de Almada-Negreiros e Álvaro de Campos.

No ano que marca o centenário da revista *Orpheu*, este número inclui um Caderno a ela dedicado. O Caderno do *Orpheu* pretende proporcionar ao público a leitura de um conjunto de artigos de alguns dos mais importantes especialistas em Fernando Pessoa e no Modernismo literário português, assim como de jovens investigadores já com trabalho muito relevante nestes

campos. Alguns destes artigos tiveram origem em comunicações realizadas no âmbito do 9.º Seminário Aberto do Projeto Estranhar Pessoa, designado a propósito “Assuntos Órficos” e realizado a 5 e 6 de Março do presente ano na Biblioteca Nacional de Portugal. Integrando-se num conjunto de iniciativas comemorativas do centenário da revista, este Seminário constituiu um espaço de ampla e acesa discussão em torno de princípios, propósitos e fundamentos de *Orpheu* e das várias obras que compõem a revista. O Caderno centra-se em Fernando Pessoa, não sendo esquecidos os restantes autores dessa complexa *geração*, como Sá-Carneiro, Almada, Côrtes-Rodrigues ou Raul Leal. Pretende-se dar um contributo para uma redefinição do Estado da Arte no campo da investigação sobre o Modernismo literário português, através de um conjunto de estudos detalhados das diversas facetas da sua publicação mais emblemática, prescindindo de qualquer pretensão de exaustividade.

Os artigos incluídos neste Caderno só aparentemente estão unidos por uma temática condutora, já que o carácter heterogéneo das suas análises releva desde logo de estudos pormenorizados, e em alguns pontos polémicos, de facetas que escapam a serem integradas num conjunto unitário. À ideia de geração e da celebração do centenário da sua apresentação pública sobrepõem-se a de uma análise crítica apurada de particularidades de cada obra e de cada autor, tendo presente o modo como se relacionam com a revista *Orpheu*. Os artigos partilham o rigor e o detalhe da análise, sendo tanto em termos temáticos quanto de estrutura argumentativa e até de extensão tão diferentes entre si quanto o permitem os distintos modos de proceder de cada um dos autores.

Richard Zenith foca no seu artigo a génese da figura e da poesia de Álvaro de Campos, publicada pela primeira vez em *Orpheu*, analisando a sua relação com Caeiro e Reis a partir dos primeiros esboços e projetos das suas Odes. Na famosa descrição do dia triunfal, em carta a Adolfo Casais Monteiro datada de 13 de janeiro de 1935 (cf. *Caderno do dia triunfal*), Pessoa narra o surgimento de Campos e da sua poesia como tendo acontecido *num jacto, sem interrupção nem emenda*, imediatamente na sequência da escrita dos primeiros poemas de Caeiro e de um modo igualmente *triumfal*. A partir da análise da verdade mais simbólica que factual deste passo e de documentos que revelam como Caeiro era inicialmente a figura pensada para assumir a autoria das Odes de Campos, Zenith debruça-se sobre os elementos que considera determinantes na sua poesia, definindo-a enquanto privilegiada consubstanciação do espírito e da ambição da revista *Orpheu*. O artigo de Fernando Beleza tematiza igualmente Campos, em particular a sua “Ode Marítima”, analisada em pormenor a partir da questão do cosmopolitismo de *Orpheu* e das

revistas anteriormente projetadas por Pessoa e Sá-Carneiro. Debruçando-se tanto sobre *Orpheu* como sobre os projetos anteriores das revistas *Lusitânia* e *Europa*, nunca concretizados numa publicação, Beleza define o impulso cosmopolita presente em qualquer destes projetos, assim como na famosa “Ode” de Campos, como heterotopia cosmopolita periférica. Contrapondo-se às pretensões nacionalistas e tradicionalistas do grupo de *A Águia*, *Orpheu* significou, como demonstra Beleza, um posicionamento cosmopolita construído a partir de uma posição periférica e de um lugar imaginário criado com base numa referência real, que o autor encontra representado no cais lisboeta de Alcântara do poema de Campos.

Nuno Amado analisa em pormenor a correspondência entre Pessoa e Côrtes-Rodrigues imediatamente anterior ao lançamento da revista *Orpheu*, escrutinando os motivos e as consequências do que o primeiro descreve como um período de *crise psíquica*. Como confia Pessoa a Côrtes-Rodrigues, esta crise resultou num afastamento relativamente aos seus companheiros literários e numa consciência de missão individual, de foro religioso e patriótico, que o leva a rejeitar tudo o que seja da ordem da *blague*, do panfletário ou do publicitário. Em contradição com o que *Orpheu* viria a representar, Amado demonstra como a defesa de Pessoa de um novo conceito de sinceridade implicaria um privilégio concedido à obra heteronímica, revelada apenas de um modo insuficiente em *Orpheu*. O autor defende que não se encontra em *Orpheu* a expressão máxima da obra pessoana, apontando para um propósito polémico e desviante, por contraponto à parte da obra que o poeta deixou por publicar. Rita Patrício propõe uma leitura da nota editorial de Pessoa “Nós os de *Orpheu*”, publicada em outubro de 1935, apenas um mês antes da morte do poeta, na revista *Sudoeste*. Entendendo-a enquanto as derradeiras palavras de Pessoa sobre *Orpheu*, Patrício lê-as como ato de distinção relativamente ao movimento presencista. A leitura estabelece um confronto com os textos que o poeta escolheu publicar no mesmo número, o poema “Conselho” e “Nota ao Acaso”, de Campos. Visando ambos os textos, segundo a autora, a defesa de uma estética da criação dramática e do fingimento poético, a sua publicação juntamente com a nota marcaria uma distância face a uma estética psicologista da *Presença*. Tanto a defesa de um novo conceito de sinceridade na Nota, que encontra em Caeiro o seu expoente máximo, como o preceito exposto no poema de ocultação de si mesmo são lidos no âmbito deste debate estético. No meu artigo “Caeiro em lugar de *Orpheu*” proponho uma leitura da posição de *Orpheu* no contexto da obra pessoana a partir da consideração dos propósitos e projetos do poeta que antecedem a sua publicação. Foco em particular os seus projetos, partilhados com Sá-Carneiro, de lançamento de revistas, assim como

o menos conhecido plano de lançamento, com contornos internacionais, da obra de Caeiro. Considerando estes projetos, assim como as reflexões de Pessoa na correspondência com Côrtes-Rodrigues e nos artigos publicados em 1912 em *A Águia*, proponho que *Orpheu* vem, por um lado, concretizar uma ideia de fixação de uma nova corrente literária, ocultando, por outro, fundamentos dessa mesma corrente. Renunciando em *Orpheu* quer à publicação de textos programáticos, quer ao lançamento da obra de Caeiro, ambos associados à *blague* que Pessoa afirma perante Côrtes-Rodrigues rejeitar, defendo que o poeta segue em *Orpheu* um preceito de exposição pública parcial e alusiva, que permanecerá determinante em publicações posteriores.

Propondo a sua caracterização como “o filósofo ‘futurista’ de *Orpheu*”, Manuela Parreira da Silva debruça-se sobre a figura polémica, amiúde esquecida pela crítica, de Raul Leal. Articulado elementos biográficos e epistolares com a obra literária de Leal e o seu reconhecimento por parte dos companheiros, em particular Pessoa e Sá-Carneiro, Parreira da Silva encontra na sua redefinição do Futurismo o centro da obra deste poeta e filósofo. Através de uma análise da extensa carta enviada por Leal a Marinetti, a autora demonstra como uma adesão ao Futurismo, ainda que reinventado, ultrapassa a de qualquer outro companheiro de *Orpheu*. Leal propõe associar ao dinamismo futurista uma espiritualidade mística, reunindo as dimensões física e metafísica na sua proposta de uma obra de arte total, de nome “Astralédia”, que procurava uma síntese suprema de vertentes contrárias. Numa abordagem de outra figura pouco estudada, Anna M. Klobucka analisa a propósito de Violante de Cysneiros, pseudónimo feminino de Côrtes-Rodrigues, poéticas e políticas de género no Modernismo português, confrontando *Orpheu* com o romance *Nova Sapho*, do Visconde de Vila Moura, de 1912. Num artigo que articula elementos biográficos, socioculturais e literários, é tematizada a herança estética e política decadentista, cuja importância é raras vezes salientada. O romance *Nova Sapho* é visto como obra cuja protagonista, a poetisa lésbica Maria Peregrina, antecipa outras personagens femininas, nomeadamente em Pessoa, Côrtes-Rodrigues, Sá-Carneiro e Almada. A redefinição da posição deste romance contraria uma distinção simplista entre o regionalismo nacionalista de *A Águia*, revista de que Vila Moura foi cronista, e o cosmopolitismo de *Orpheu*, sublinhando a autora a existência de uma conjugação de elementos regionalistas e cosmopolitas na obra de Vila Moura. Fernando Cabral Martins aborda a relação epistolar entre Pessoa e Sá-Carneiro, sublinhando como tanto a invenção da heteronímia pessoana quanto a configuração mítica de Sá-Carneiro como *personagem-de-poeta* podem ser estudadas a partir do diálogo epistolar entre ambos. Através de um tratamento comparativo de cartas e passagens de poemas, Cabral Martins demonstra a importância deste

diálogo na abordagem contemporânea dos mesmos tópicos. Em particular, o autor sublinha a relevância de tópicos partilhados como a fragmentação e dispersão do sujeito ou a relação entre o eu e o outro, cujo desenvolvimento é situável no tempo e no contexto de considerações epistolares. Esta mesma influência mútua é ainda notada em poemas publicados em *Orpheu*, nomeadamente na experimentação gráfica patente em “Ode Triunfal” e “Manucure”. O ensaio conclui com uma análise da arte editorial de Pessoa enquanto editor dos poemas deixados por Sá-Carneiro, mostrando como esta intervenção é decisiva no modo como os poemas são fixados.

Através de uma análise do drama estático “O Marinheiro”, publicado por Pessoa no primeiro número de *Orpheu*, Pedro Tiago Ferreira mostra como o poeta herda e modifica a Teoria das Ideias de Platão. Vendo em “O Marinheiro” um foco no que designa por Teoria das Ideias, e que transparece em reflexões das personagens sobre o sonho e a realidade, Pedro Ferreira nota a criação de uma alternativa à teoria platónica. Tematizando a relação entre sonho e realidade, as reflexões de Pessoa na peça dramática vão no sentido de atribuir o mesmo estatuto de realidade a ideias concebidas pela mente humana, independentemente de estas possuírem ou não um correspondente físico ou material. Esta redefinição da Teoria das Ideias visa encontrar no sonho e na ficção formas de realidade, definindo ideias como fruto do pensamento humano e não realidades inacessíveis ao mesmo. Focando a prosa ficcional de Pessoa escrita no período da publicação de *Orpheu*, Ana Maria Freitas encontra nela um carácter estático, que a aproxima de “O Marinheiro”, baseado no que a autora designa por ação interior. A análise de contos contemporâneos de *Orpheu*, que ficaram inéditos em vida, nomeadamente “A Estrada do Esquecimento”, “A Trincheira”, “Uma Carta da Argentina” e “A Perda do Hiato Nada”, revela elementos comuns às obras publicadas na revista. Para além de possuírem o referido carácter estático, Freitas encontra neles a ficcionalização dos motivos da transposição dos sentidos, da despersonalização, do diluir da personalidade individual no coletivo e dos intervalos entre modos de realidade. Tratando-se de contos inacabados e frequentemente negligenciados pela crítica, Freitas sublinha a sua importância no seio da obra de Pessoa e vê neles uma riqueza para a formulação de análises e hipóteses que adviria do seu estado de *work in progress*, da instabilidade e flutuação dos seus títulos e atribuições de autoria.

Este segundo número da *Revista Estranhar Pessoa* inclui ainda uma Secção Genérica, reunindo dois artigos que focam questões fundamentais no âmbito dos Estudos Pessoaanos, embora não possuam relação direta com a revista *Orpheu*. No primeiro artigo, Victor K. Mendes encontra no *Livro do Desassossego* de Pessoa uma crítica do antropocentrismo e do humanismo

ocidentais, que tem particular incidência em reflexões do *Livro* em torno de animais e plantas. Partindo de algumas considerações de Carrie Rohman, em *Stalking the Subject: Modernism and the Animal*, de 2009, Mendes desenvolve uma leitura extremamente detalhada, em modo de *close reading*, de diversos passos do *Livro*. Neles nota como o descentramento do sujeito e a crítica da racionalidade antropocêntrica depende de uma animalização e de uma vegetalização pós-darwiniana do humano. Estes processos de animalização e vegetalização não são lidos, contudo, num registo de libertação, como no devir animal descrito por Deleuze e Guattari, mas enquanto perturbação e lamentada derrota do humanismo antropocêntrico, representadas na figura de Bernardo Soares. No último artigo deste número, Vincenzo Russo tematiza a leitura de Fernando Pessoa realizada pelo filósofo francês Alain Badiou. Russo destaca o modo como Badiou vê em Pessoa um testemunho-chave do que designa por a *idade dos poetas*, a par de Hölderlin, Mallarmé, Rimbaud, Trakl, Mandelstam e Celan. Badiou encontra nesta moderna *idade dos poetas*, vista como já terminada, uma experiência que excede a oposição entre subjetividade e objetividade e à qual uma nova orientação filosófica deveria obedecer. Entre os motivos que Badiou encontra na poesia de Pessoa, aqui analisados, encontram-se uma crítica da idealização, a utilização insistente do oxímoro e uma revisitação do Platonismo. A parte final do ensaio foca ainda a leitura de Badiou da “Ode Marítima” de Campos, encontrando nela uma tensão entre elementos que indiciam uma crueldade anónima de um “nós” e um regresso a um “eu” que subsiste a este anonimato.

A *Revista Estranhar Pessoa* prossegue com este número a publicação de artigos que tratam a obra de Pessoa, mas também dos seus contemporâneos e, de um modo mais abrangente, problemas colocados pela modernidade literária e filosófica. Prestando novamente tributo a um centenário, seguindo-se ao do dia triunfal de Fernando Pessoa o de *Orpheu*, a Revista não se cinge ao contexto temático órfico, contribuindo para renovar e ampliar a discussão que encontra em Pessoa um denominador comum.

Pedro Sepúlveda

Lisboa, outubro de 2015